

Élida Lima

**APROXIMAÇÕES ENTRE
POESIA E POLÍTICA**



Imagem | José Fernandes
(detalhe: Altos, 2015, mista s/ papel)

Polichinello

Uma conversa franca entre as vozes de Élide Lima¹, Max Martins, Octavio Paz, Pepe Mujica, Roland Barthes, Francesca Gargallo, Santiago Castro-Gómes, Julio Cortázar, Edmond Jabés, Ezra Pound, Wislawa Szymborska e tu.

1. Autora do livro Cartas ao Max

I

Fazer política, assim como fazer poesia, não requer profissionalização.

A poesia, assim como a política, é para qualquer uma.

Em ambos os casos, é requerido que a pessoa seja uma amadora.

Que a pessoa esteja erotizada pela outra. Que ela deseje se ligar.

Política e poesia: não se faz sem erotismo. Eros, do latim, ligar-se.

A poesia e a política não exigem nenhum talento especial, mas uma espécie de intrepidez espiritual, um desprendimento que é também uma desenvoltura.

É necessário autorizar a palavra política assim como o é autorizar a palavra poética.

Em ambos os casos, trata-se de autorizar que falem vozes silenciadas pelo *status-quo*.

Fazer poética, assim como fazer política, é moldar a realidade pela da voz.

Que voz é essa? É uma voz silenciada que descobre maneiras de acontecer.

O poema, assim como a política, é uma produção social.

A uma sociedade dilacerada corresponde uma política dilacerada.

Ao longo dos séculos, Estados e Igrejas confiscam a voz política para seus fins.

Minha poesia também se sente ameaçada.

O dilaceramento político não depende da diversidade de sujeitos como do desaparecimento do **tu** como elemento constitutivo de cada consciência.

A política, assim como a poeta, não pode andar pela vida com os valores dos outros.

Não falamos com as outras porque não podemos falar conosco.

A conversão do eu em **tu** – é a imagem que compreende todas as imagens poéticas.

A política, assim como a poesia, é algo que dá chance de que a outra sonhe, de que a outra faça, de que a outra se coloque.

A poesia, assim como a política, é a arte do inacabamento.

É o que não se faz sozinha.

Nossa política é uma poética do inacabado.

O informe de onde nascerá a forma, um incriado que, pouco a pouco, virá a ser nossa criação.

As palavras da poeta e as da política são suas e são de outras.

Por um lado são históricas, pertencem a um povo e a um momento de fala desse povo: são datadas.

Por outro, são anteriores a qualquer data: são um começo absoluto.

A liberdade política, assim como a liberdade poética, ainda é desfrutada por uma pequena parcela da população mundial.

II

Se concordamos que poesia é ritmo, Octavio Paz nos lembra: Ritmo é ir em direção a algo.

O calendário, a moral, a política, a técnicas, as artes, as filosofias, tudo, enfim, a que chamamos cultura tem suas raízes no ritmo.

Ritmo não é medida, é visão de mundo.

A própria história é ritmo.

O ritmo governa o crescimento das plantas e dos impérios, das colheitas e das instituições.

Ritmo preside a moral e a etiqueta.

A cortesia e o bom governo são formas rítmicas, como o amor e a passagem das estações.

Estruturas sociais não passam de manifestações dessa primeira e espontânea atitude humana diante da realidade: o ritmo.

A vontade da fruição poética é a mesma da política: ultrapassar a tagarelice, transbordar, forçar as portas por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas.

Roland Barthes fala de fruição o que podemos falar da política:

aquela que põe em estado de perda;
aquela que desconforta;
a que faz vacilar as bases históricas,
culturais, psicológicas da sociedade,
a consistência de seus gostos,
de seus valores e de suas lembranças.

Política faz entrar em crise a relação com os modelos rítmicos e estéticos do nosso tempo.

Somos capazes de propor ritmos mais igualitários.

Somos capazes de criar novos modelos estéticos.

Também se ganha com os valores do que se vive.

III

Fazer política é manter certa tensão desobediente frente ao Estado.

Deveriam haver projetos da sociedade civil para a desobediência permanente contra o capitalismo, o sexismo, o racismo, a homofobia, a transfobia, a bifobia, a partidofobia.

Contra todas as opressões estruturais.

“Morra a Academia!”, disse Max Martins aos 14 anos e entrou para a história.

Um poema que não muda de opinião não é poema.

Cartas ao Max é um livro extremamente político.

Cartas ao Max questiona o lugar de onde se fala.

É deste lugar “maior, mas coitado”, que eu espero, com estas Cartas, te aliviar.

Chamar o Max de poeta safado é um ato político.

Para que falar, escrever, publicar sobre o Max?

Para que ele continue desconhecido.

Para afirmar o desconhecido nele.

Para mantê-lo estranho.

Para experimentar estados inéditos.

Cartas ao Max é desobediente com a crítica literária.

“Você não pode chamar o Max de meu amor”, disse a crítica literária.

Leu Cartas ao Max e disse: “Você não pode vir aqui cuspir na minha cara”.

Fazer poesia, assim como fazer política, é fazer o anti-hegemônico, é o fazer anti-catalográfico.

Os três novos velhos livros do Max Martins estão prefaciados por homens. O que será dos outros oito?

“É a foto de um túmulo?” “É um convite para um enterro?” “Recinto de fantasmas?”

Eu sou a terrorista do Max Martins.

Aquela que pergunta: Onde estão as mulheres? Onde os jovens que te leem?

Aquela que insiste: não o tratem como um poeta velho lido por críticos velhos.

Aquela que teima: Max, és ultra-contemporâneo.

Max, abafam tua voz, mas ainda te escuto: “Desconfio de vocês, babacas sabidos”.

A política, assim como a poesia, rejeita a performance.

Uma poesia que rejeita o metro para criar seu próprio ritmo.

Uma política que rejeita os partidos para criar suas próprias #partidas.

A poesia, nos conta Cortázar, “é uma espécie de ajuste de contas entre algo que está nos rondando, que está nos exigindo uma expressão”.

A política não é da mesma espécie?

IV

O componente mais importante da poesia, assim como da política, é a escuta.

Manuela Carmena, prefeita de Barcelona, tem como slogan: “Governar es escuchar”.

«Um mau livro talvez seja apenas um livro mal lido por seu autor», nos lembra Jabès.

Se os políticos não falam em versos, é por insuficiência política.

Não é que os poetas escrevam para nada, acontece apenas que o nada – tudo aquilo que está excluído do mundo objetivo e do mundo das aparências – é objeto da poesia.

Se a poesia é a voz do povo, que diremos da política? Assumiremos, então, que são irmãs?

A ambivalência do poema está nas entranhas do poema.

A política é produtora de dissensos, por isso está viva.

Desse conflito contínuo surge a periculosidade da política e da poesia.

A condição conflitiva da poesia e da política não é diferente da condição da mulher: ser temporal e relativo, mas sempre lançada no absoluto. Esse conflito cria a história.

Substituir, sistematicamente, a palavra homem, no sentido de ser humano, pela palavra mulher, é uma ação política e poética.

Toda mulher de ação é, sem que o saiba, uma poeta e uma política, porque a poesia e a política dão sentidos à ação.

A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, documento culminante da Revolução Francesa, se assim nomeada, constituiria uma tirania contra os direitos humanos?

Garantir a dissolução de uma imagem de mundo parasitária se assemelha a garantir o nível de enigma de um poema.

Poesia e política pertencem ao gesto de escrever; gesto que tem poder de vida e de morte.

Haveria um pensamento próprio à política? Haveria um pensamento próprio à poesia? Lógica que abala a lógica, lógica do desvio.

O acontecimento político, assim como o poético, é produtor de um tempo fora do tempo.

Uma sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam as mesmas coisas.

Na nova sociedade, a poesia seria por fim prática.

A transformação da sociedade em coletividade; e do poema em poesia prática.

Poetizar a vida social, socializar a palavra poética.

Infiltrar um tanto de poesia na política é aumentar seu poder de desestabilização e invenção.

Fazer rimar poesia com democracia.

*Versos apolíticos também são políticos,
“e no alto a lua ilumina
com um brilho já pouco lunar.
Ser ou não ser, eis a questão”
Qual questão me dirão,
Uma questão política.*

Fazer coincidir com alguma coisa de gravidade vital o jogo frívolo que se opera entre as linguagens.

Tirar dessa atitude um meio de vida mais intenso.

Encontrar uma linha de conduta ao mesmo tempo que a fonte de um enriquecimento da vida.

Haveria, na política, assim como na vida, momentos intensivos em relação a outros?

Nesse caso, poderíamos definir a poesia como um desses momentos?

Élida Lima é escritora, editora e professora. De Belém, vive em São Paulo. Mestre e Doutoranda pelo Núcleo de Subjetividade da PUC-SP. Autora de "Cartas ao Max: limiar afetivo da obra de Max Martins" (Invisíveis Produções, 2013).
